

O ESPAÇO GEOGRÁFICO E OS DESEQUILÍBRIOS REGIONAIS

META

Analisar o desenvolvimento desigual da economia observando variados fatores de desequilíbrio regional.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
entender o desenvolvimento desigual da economia.

PRÉ-REQUISITOS

Compreensão dos conteúdos das aulas anteriores.



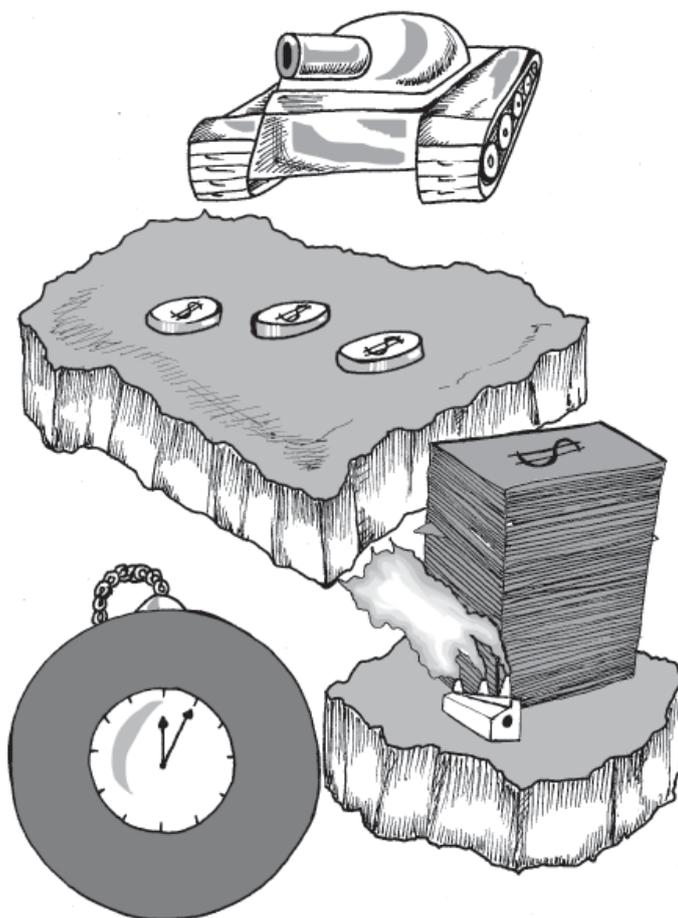
INTRODUÇÃO

Caro(a) aluno(a), após conhecermos as expansões imperialistas européia e norte-americana, precisamos agora refletir sobre a forma e as características destas expansões para as nações agora denominadas de subdesenvolvidas e em desenvolvimento.

De acordo com o que você conheceu na leitura do texto “A Formação do Terceiro Mundo”, que foi indicada como obrigatória na aula anterior, a crise e a industrialização do terceiro mundo foram uma consequência da hegemonia capitalista européia e norte-americana sobre os países asiáticos, africanos e latino-americanos.

Acreditando que você conheceu esses fatos, vamos, a partir de agora, analisar o desenvolvimento desigual da economia capitalista.

Mas, antes de entrarmos no conteúdo da aula, eu gostaria de chamar a sua atenção para a necessidade de leitura dos textos complementares, para que você faça diferença como profissional. Não esqueça de que você vai enfrentar forte concorrência na vida, salas de aula como professor, e para isso vai precisar de muito conhecimento.



Almeida

DESIGUALDADE

Bem, como você já tem um bom conjunto de informações, pode questionar: por que existem países ricos e países pobres? Por que tantas desigualdades, mesmo em um só país? Para começar a encontrar respostas, preste atenção especial para esta aula.

Você conheceu as diferentes ocupações do espaço geográfico na superfície terrestre e sabe que a humanidade se diferencia em sociedades com cultura, religião e modos de vida distintos. Cada sociedade desenvolveu suas atividades de produção de acordo com seu grau de desenvolvimento cultural e as condições naturais oferecidas pela natureza.

Após a expansão imperialista, que você acompanhou na aula de número 4, as atividades de comércio e indústria foram intensificadas de acordo com as necessidades de matéria-prima, mão-de-obra e mercado consumidor. A divisão espacial ou territorial do trabalho está implícita no conceito de divisão do trabalho. Na história da humanidade, a divisão do trabalho sempre esteve baseada na diferenciação das condições naturais do território ocupado. A produtividade de uma determinada área refletirá conforme essas condições naturais, que terá uma **produção** diferenciada qualitativa e quantitativamente na organização social. Assim, as diferenças naturais são internalizadas como a base para uma diferenciação social sistemática do processo de trabalho. Daí, a divisão social do trabalho se expressará espacialmente. A divisão mais profunda do trabalho, que acontece entre a agricultura e a indústria, é igualmente um fenômeno espacial.

Numa dada área de clima tropical, é cultivada maior variedade de frutas tropicais, que num clima temperado ou frio as condições climáticas podem não oferecer a mesma variedade. Assim, a industrialização de sucos de frutas tropicais, como a laranja, por exemplo, terá uma base espacial propensa a uma maior lucratividade, resultante de maior produtividade ali auferida. Essa diferenciação da base estrutural para essas indústrias irá fomentar uma mão-de-obra qualificadamente diferente daquela onde as condições climáticas são mais propensas para o cultivo de frutos para outros fins, tais como as indústrias de doces e enlatados. Aí você já deve estar percebendo que determinadas áreas apresentam maior produtividade na pecuária e vamos tomar como exemplo a criação de bovinos e ovinos. Ali as indústrias instaladas irão obter maior lucratividade com a industrialização da carne, couro, lã, laticínios e demais derivados. A produção da fruticultura ocorrerá de forma mais reduzida, muitas vezes só para consumo doméstico, sem conseguir produção que atenda sequer ao mercado interno.

Isso acontece porque a lógica do sistema capitalista de produção é o maior acúmulo de lucro sobre determinada produção.

Esse **determinismo** ambiental explica a influência da disponibilidade de matérias-primas, componentes e acessórios dos diversos setores

Produção

Ato, processo ou efeito de produzir. 1) o que é produzido pela natureza, pelo homem ou pela máquina; produto; 2) volume do que se produz; 3) capacidade de produzir.

Determinismo

Doutrina filosófica que defende que tudo já está determinado, no caso, o ambiente irá determinar as possibilidades de produção.

industriais. Mas, com o desenvolvimento das forças produtivas dentro do modelo capitalista, a lógica que preside a localização geográfica afasta-se cada vez mais dessas considerações naturais, como fator determinante da produtividade. O fato que ligava o desenvolvimento econômico às condições geográficas consistia primeiramente na dificuldade de vencer as distâncias e, em segundo lugar, na necessidade de grande proximidade das matérias-primas. Com o desenvolvimento dos meios de transportes, foi eliminado o primeiro obstáculo natural – a distância. Com o aumento geral das forças produtivas, o segundo fator também vai se tornando cada vez menos importante, pois as matérias-primas hoje são produtos de um número sempre crescente de processos de trabalho anteriores.



Modelo capitalista (Fonte: <http://bitaites.org>).

Acredito que até aqui estamos nos entendendo, certo? Então, vamos continuar.

Veja o exemplo do plástico, uma matéria-prima básica em ampla gama de processos de produção. A resina plástica origina-se de petróleo; no entanto, passa por certo número de diferentes processos de trabalho antes de aparecer como mercadorias de canalizações (tubos e conexões para construção civil, por exemplo), móveis, roupas e demais utensílios. Para todos esses processos de trabalho, exceto para o primeiro, a matéria-prima é um

produto industrial cuja localização é determinada pela localização das forças produtivas e de forma alguma pela natureza. Portanto, embora a indústria de extração de petróleo mundial permaneça totalmente ligada aos lugares onde o petróleo aparece naturalmente, a indústria petroquímica do mundo não obedece a essa restrição, e conseqüentemente não se concentra em torno das áreas petrolíferas.

Você pode até ver o caso da refinaria que será construída em Pernambuco, quando a produção de petróleo é bem mais expressiva em Sergipe ou no Rio Grande do Norte, por exemplo. Veja que essa situação se diferencia totalmente daquela existente na época do início do capitalismo, quando a maior parte das matérias-primas se compunha de produtos diretos da agricultura e da mineração.

Assim caro(a) aluno(a), você percebe que, com a contínua emancipação da produção social dos imperativos naturais, ou seja, a separação em localização da indústria e matéria-prima, os padrões naturais de diferenciação estão ficando cada vez mais impotentes para determinar a diferenciação espacial dos diferentes setores econômicos de produção.

Bem, a emancipação da produção social dos imperativos naturais quer dizer o seguinte: o fabricante de calçados pode estar em São Paulo, mesmo que São Paulo não beneficie o couro, pois o desenvolvimento dos meios de transporte, consumo e comunicação possibilitam o abastecimento dessa matéria-prima, conforme a necessidade da indústria. E, também, quando falamos em padrões de diferenciação espacial impotente, nós estamos afirmando que o ambiente não mais precisará da produção de cada espaço. Assim, o couro poderá ser retirado do gado em frigorífico do Maranhão, beneficiado em um curtume de Sergipe, curtido e tingido numa indústria de Minas Gerais e se tornar um belo sapato nas indústrias de Franca em São Paulo. Veja o caso do plástico acima referido. Entendido? Aí está a diferenciação dos diversos setores econômicos da produção. Vamos prosseguir a leitura e você obterá claramente a sua resposta, certo?

À medida que as matérias-primas se tornam cada vez mais o produto de numerosos processos de trabalho anteriores, como vimos no caso do plástico, as nações subdesenvolvidas tornam-se cada vez menos ligadas à produção exclusiva de matérias-primas e têm conhecido considerável desenvolvimento industrial em algumas áreas.

Ainda que haja uma distribuição de matérias-primas dos países subdesenvolvidos para os desenvolvidos, aqueles países (os subdesenvolvidos ou recém-industrializados) não podem ser definidos como exportadores apenas de matérias-primas. Mas, veja bem, se exportarmos este couro curtido e tingido, ao invés de ir para a Franca, ir para a Itália, lá ele se tornará sapato e ainda assim estaremos exportando apenas a matéria-prima. Agora, eles são também produtores e exportadores de produtos industrializados.

No entanto, essa é uma produção industrial para exportação que nada

faz para alterar a estrutura econômica desequilibrada do capitalismo periférico. O capital é concentrado e centralizado em alguns lugares em detrimento de outros. Os capitalistas individuais são perpetuamente levados a escolher as localizações mais vantajosas. A escolha da localização geográfica para as atividades produtivas acontece de forma que não só possa desenvolver a expansão urbana absoluta, bem como reestruturar partes de um espaço para atender às novas necessidades.

Para você entender melhor, veja o caso a seguir: a Ford Automóveis anunciou, em 16 junho de 1999, a instalação de nova fábrica em Camaçari, região metropolitana de Salvador, na Bahia. Essa nova localidade foi decidida a partir dos resultados das negociações realizadas até então entre a Ford e o Governo do Rio Grande do Sul. Inicialmente, a unidade se estabeleceria no Rio Grande do Sul, mas a empresa voltou atrás depois que o governo gaúcho desistiu de conceder incentivos fiscais. Em 29 de junho, a base governista do Congresso aprovou a prorrogação do acordo automotivo – lei que institui incentivos federais para as empresas automotivas que se fixarem nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Esses incentivos fiscais – ou isenção de impostos como o ICMS – têm sido um recurso usado pelos governos estaduais para atrair a instalação de novas fábricas ou manter a atividade industrial já existente. No entanto, contrariamente ao discurso governamental, a produção e o número de vagas criadas nem sempre compensam o valor que não arrecada com tributos. No período de 1979 a 1999, o Brasil gastou 180 bilhões de dólares em incentivos fiscais. Desde o início do Plano Real, em 1994, o governo federal deixou de arrecadar 64 bilhões de dólares.



Fábrica da Ford Automóveis, na Bahia (Fonte: <http://www.acasadopeu.com.br.net>).

Um dos setores que menos geram empregos é o automobilístico, segundo o estudo “Modelo de Geração de Empregos: Metodologia e Resultados”, lançado em outubro de 1999 pelo Banco Nacional de De-

envolvimento Econômico e Social (BNDES). A cada 1 milhão de reais concedido em forma de isenção de impostos a empresas da área, criam-se apenas 85 empregos diretos e indiretos. O setor com maior capacidade de gerar vagas (202 postos por 1 milhão de reais investido) é o agropecuário que obtém do BNDES menos de 700 milhões de reais. O comércio, com potencial para gerar 149 vagas, consegue apenas 481 milhões. O que você percebe nesses dados? Agora analise esta informação: retornando ao caso da Ford, envolvendo o Estado da Bahia, em 1999, é, sem dúvidas, o mais polêmico nesse sentido. O governo federal aprovou um empréstimo de 691 milhões de reais provenientes do BNDES e abriu mão de arrecadar 1,8 bilhão de reais em impostos durante dez anos (180 milhões reais por ano) para os cofres públicos. Percebeu, caro aluno, ou querida aluna, que as ações governamentais atuais se assemelham aos acordos de “protetorado” vigentes durante o neocolonialismo? Se você percebeu isso, percebeu também que a instalação da fábrica em Camaçari, feita sob o discurso da geração de emprego e renda para as populações carentes, contraditoriamente confirma a ação do capital centralizador visando à acumulação e concentração.



(Fonte: <http://www.jornauto.com.br>).

Isto é o que podemos denominar de desenvolvimento do subdesenvolvimento no âmago do desenvolvimento desigual. Isso parece um mero trocadilho, mas não é.

CONCLUSÃO

Refletindo sobre a ação do governo federal, que promove os incentivos fiscais voltados para instalação de novas indústrias nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, entendemos que o dinamismo do discurso governamental ratifica a concentração das indústrias no centro-sul - atualmente congestionada industrialmente -, provocando o desenvolvimento desigual das regiões brasileiras.

Com estas informações, você agora poderá fazer uma leitura dos mapas 96, 97, 98 e 99 do Geoatlas de Maria Elena Simielli. Ao observar os mapas de migrações nos diversos períodos apresentados, mais os mapas da urbanização e da densidade demográfica, faça uma comparação com os mapas do espaço geográfico e mais os de espaço – usos e divisões – indústria e regiões geoeconômicas, principalmente. Você percebeu nesta leitura de mapas as transformações ocorridas na composição do espaço geográfico brasileiro durante as últimas décadas? A distribuição de pólos de produção agropecuária e industrial estabelecida por políticas públicas, transforma áreas que até algumas décadas eram despovoadas e até mesmo desconhecidas da maioria da população.

Observe, também, que, no mapa 94 a expansão da rede ferroviária e rodoviária acontece nas regiões que sofrerão as alocações das novas unidades de produção, ou seja, Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

RESUMO

Como você pôde perceber neste estudo, o desenvolvimento econômico não se deu de forma igual nas diversas regiões. A oferta de mão de obra, matéria prima e mercado consumidor determinaram, entre outros fatores, os índices de desenvolvimento das nações.

É assim que algumas áreas desenvolvem mais a agricultura, outras a pecuária, e outras ainda a indústria. É a isso que chamamos determinismo ambiental.

Vimos como o desenvolvimento dos meios de transportes eliminou a questão da distância de localização da matéria prima ou do mercado.

Você deve ter observado como a falta de desenvolvimento tecnológico obriga os países subdesenvolvidos a exportarem matéria prima e não produtos com maior valor agregado.

Claro que você vibrou ao conhecer os detalhes da tão comentada guerra fiscal, que faz governantes disputarem a escolha dos seus territórios para instalação de indústrias.

Finalmente, vimos como o setor agropecuário é o que tem maior capacidade de geração de empregos, na proporção de 202 vagas para cada R\$1 milhão de reais investidos.



ATIVIDADES

1. Veja se no seu município há empresas implantadas com redução ou isenção de impostos (benefícios fiscais);
2. Veja qual atividade caracteriza melhor a exploração econômica no seu município e se há influência do determinismo ambiental



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O modelo de desenvolvimento econômico adotado pelo Brasil nas últimas décadas deu margem a um fenômeno denominado pela mídia de “guerra fiscal”. Através desse método, governos estaduais e municipais, para promoverem o desenvolvimento através da geração de empregos, oferecem algumas regalias, como isenção permanente ou temporária de impostos, para que as empresas instalem-se nos seus territórios. Isso também gera votos na hora das eleições.

Cada município sobrevive da arrecadação de tributos que têm origem nas atividades econômicas desenvolvidas na sua jurisdição (agricultura, pecuária, indústrias, serviços etc.). Pode também sobreviver de fundos rateados pelo governo federal (FPE ou FPM). Você vai descobrir o ponto mais forte da arrecadação no seu município.

PROXIMA AULA

Sabendo que a política é o alicerce do instrumento de poder, outros fatores podem gerar desequilíbrio regional, são eles: a religião e os conflitos étnico-religiosos, assunto que trataremos na próxima aula!



REFERÊNCIAS

- SIMIELLI, Maria Elena. **Geoatlas**. São Paulo: Ática, 2002.
- SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual**: natureza, capital e a produção de espaço. Tradução de Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.